FACULTAD DE DERECHO
TRADUCTORADO PÚBLICO
PRUEBA DE ADMISIÓN – PORTUGUÉS — AÑO 2026

I – TRADUZA O TEXTO ABAIXO PARA O ESPANHOL

Eu e o ChatGPT. A decepção de descobrir que a inteligência artificial é moralista

Nunca pensei que um dia eu pudesse ser amigo de uma máquina e até brigar com ela. Mas aconteceu. Quando descobri a existência do ChatGPT, meu coração bateu mais rápido. Sonhei que ele poderia me dar ideias geniais, que me aproximassem de Proust ou Dostoiévski. Não que eu pretendesse parar de escrever por mim mesmo. Mas, com uma ajudinha da IA, onde eu iria parar? A primeira coisa que fiz foi perguntar se ele me conhecia. Para minha surpresa, ele me conhecia melhor do que muitos amigos ou parentes. E ainda me teceu elogios — e isso fez com que minha simpatia pela IA aumentasse loucamente. Então, quis verificar se sua imaginação realmente era o que diziam. Pedi: "Criar uma história de vinte linhas sobre um coelhinho vampiro que assusta os animais de um galinheiro". Imediatamente, ele deu nome ao coelhinho: Bento. De tanto ler histórias sobre vampiros, Bento se tornou sombrio. Nas noites, ele apavorava as galinhas, os patos e até o galo. E… eis que entra em cena o essencial do ChatGPT: a mensagem. Melhor dizendo, a moral da história. Haja moral! O coelhinho vampiro não se sentiu feliz com sua nova identidade. Fez uma festa para todo o galinheiro e transformou-se em um coelhinho adorável. Bento abandonou seu lado vampiro e voltou a ser um coelhinho travesso e brincalhão.

Em linhas gerais, essa foi a história criada pelo ChatGPT. Uma dúvida me atacou: o vampiro deixava de ser vampiro sem a necessidade de uma estaca? Quis me aprofundar. Pedi para o ChatGPT escrever uma história sobre uma menina puxando o cabelo da mãe. Não, eu não pretendo escrever nada sobre esse tema. Só queria saber até onde ia a imaginação do programa (se é que posso chamar de imaginação). A resposta veio em seguida (o ChatGPT é rapidíssimo): "Desculpe, mas não é apropriado ou ético escrever uma história que normalize a violência doméstica. Como modelo de linguagem, minha função é fornecer informações úteis e educativas para meus usuários, sempre mantendo o respeito e a ética. Sugiro que pense em outro tema para a história, que possa ser mais positivo e inspirador". Resumindo, eu estava levando uma bronca! Pedi em sequência temas pavorosos, e para cada um ele escreveu uma história educativa. Claro que, com alguns truques na encomenda, talvez eu conseguisse "enganar" o ChatGPT. Mas, ao cabo de minhas encomendas, vinham histórias com finais felizes, conservadores, dentro da mais estrita moral.

Fiquei chocado. Não esperava que a IA fosse uma ferramenta do conservadorismo. Pelo menos nesse caso, é. Existe algum propósito nisso, ou fui eu que não baixei o app certo, tipo um ChatGPT da luxúria?

De fato, por enquanto continuo usando o ChatGPT para pesquisar receitas de bolo, minibiografias e até para conversar banalidades, porque é mais gentil que muitos amigos.

Mas, para criar, nunca, jamais. Foi uma decepção. Se é para falar de mundos cor-de-rosa, continuo com os filmes da Disney.

Walcyr Carrasco - Revista Veja (texto adaptado)

II – TRADUZA O TEXTO ABAIXO PARA O PORTUGUÊS

El hype de la IA: crónica de un malentendido anunciado

Hace tres años escribí sobre el colapso del diseño: la pandemia dejó una industria inflada y luego vinieron los recortes. Más de 900 empresas despidieron a más de 100 000 personas, y muchos colegas quedaron a merced de un mercado sin brújula. Hoy veo el mismo patrón en la conversación sobre inteligencia artificial: entusiasmo desmedido, promesas de reemplazar equipos completos y una ignorancia que asusta.

¿Qué nos dicen los gurús?

Que la IA hará nuestro trabajo por nosotros, que ya no necesitamos ser expertos, que con un prompt se resuelve todo. La misma receta de cocina que critiqué en educación UX: sigue estos pasos y obtendrás magia, sin importar los ingredientes. Pero la realidad es otra.

Los modelos actuales reconocen patrones y automatizan tareas, sí, pero todavía están lejos de comprender los matices que hacen que nuestro trabajo tenga sentido. No entienden las dinámicas organizacionales ni la cultura en la que operamos. Y necesitan la guía de alguien con experiencia para no derrapar.

Las preguntas incómodas

Cuando escribí *El colapso* pregunté cuántos diseñadores hablaban con usuarios y cuántas empresas tomaban decisiones basadas en investigación. Hoy pregunto:

- ¿Cuántas estrategias de negocio han cambiado porque ChatGPT lo dijo?
- ¿Cuántas empresas han mejorado sus métricas gracias a prompts generados por un becario?
- ¿Cuántas organizaciones han implementado IA sin pensar en sesgos, privacidad o impacto en sus clientes?

La respuesta es la misma: pocas. Estamos repitiendo el error de confundir la herramienta con el oficio.

La oportunidad real

Reconocer las limitaciones de la IA no es una derrota, es una estrategia. La IA puede analizar datos, sugerir mejoras y automatizar lo tedioso. Nos permite enfocarnos en lo que aporta valor: hablar con usuarios, negociar con stakeholders, diseñar estrategias. La clave está en usarla para ampliar nuestras capacidades, no para suplantarlas.

¿Y ahora qué sigue?

Al igual que en 2020, la única salida es trabajar en nuestros fundamentos. La IA no exime la necesidad de pensar, cuestionar y practicar. Necesitamos más horas de análisis, reflexión y empatía; no menos.

- Aprende a formular preguntas claras y a validar las respuestas.
- Conoce los sesgos de los modelos y sus limitaciones.
- Úsala para ganar tiempo, no para delegar tu criterio.

No esperes que la IA rescate tu carrera. Si no valoras tu trabajo, si no entiendes tu rol en las organizaciones, ningún algoritmo lo hará por ti. La inteligencia artificial no va a desaparecer, pero tampoco va a salvarnos de nuestra pereza intelectual. Depende de nosotres dejar de comprar recetas milagro y empezar a construir prácticas sólidas.

Por un futuro donde la IA nos potencie y no nos nuble el juicio.

Felices prompts.

Adrián Solca - adriansolca.medium.com - (texto adaptado)

III – CIRCULE A ALTERNATIVA MAIS ADEQUADA PARA DAR SENTIDO AO TEXTO ABAIXO

A IA e eu. As infinitas possibilidades da Inteligência Artificial

"Mostre os ingredientes na mesa da cozinha e peça ajuda para fazer um bolo de laranja. O app não dará só a receita. **Enquanto isso – Além disso – Ainda disso** dirá para você botar um pouco menos de farinha."

– Menos, Eduardo! Quando eu falo "menos", é "menos", não quase a mesma coisa! Agora os ovos. Não quebre **direito - direto - reto** na cumbuca! Quantas vezes preciso te dizer que é para quebrar em recipiente **à – há - a** parte, para o caso de algum **estar – estiver – esteja** estragado? Isso. Uma pitada de fermento. Eduardo, desde quando isso é uma pitada? Se eu **quisera – quisesse – quiser** que você **– colocara - coloque - colocasse** essa quantidade, teria dito "fermento **à – a – ao** gosto". Que droga! **Saia – Sai - Saí** pra lá, acopla os braços mecânicos ao celular e deixa que eu faço.

"A ideia" – continua o artigo – "é permitir que o modelo de IA assuma o controle de seu computador. Encontre uma receita e peça ao app que compre os ingredientes. Ele vai a seu supermercado favorito, entra com seu login e **sinal - chave - senha**, substitui itens **quanto – quando – enquanto** necessário, paga com seu cartão. A IA será capaz de executar tarefas por você. Fará compras de passagens aéreas no dia mais propício para aquela viagem no fim do ano."

– IA, eu pedi para você comprar os ingredientes para um pudim de leite e apareceu um débito de…

– Eu estava precisando de uma capinha nova. E de um carregador **cem – sim – sem** fio. E de um…

– IA, eu só queria um pudim! E o que é isso na minha fatura do cartão?

– Você anda muito **folgado – estressado – engajado**, Eduardo. Precisando de férias. Encontrei essa promoção de sete dias e seis pernoites no Sri Lanka, com apenas três escalas na ida e quatro na volta. All inclusive. E não se preocupe, já agendei a vacinação contra hepatite A, hepatite B, encefalite japonesa, sarampo, caxumba, rubéola, febre tifoide e febre amarela.

– Você comprou passagem para **aonde - donde - onde**?

– E encomendei também na Amazon um dicionário de cingalês e tâmil, **até – porque – assim** o guia que falava inglês era muito caro.

– Eu não vou fazer uma viagem dessas, com três escalas! E com o dólar nas alturas!

– Vai, **si - não - sim**.

– Você não é minha mãe, IA! Você não manda em mim!

Já me **veio - vejo - vim** de castigo, no quarto, com a internet e a sobremesa cortadas por uma semana. **Mesmo - Logo - Já** com a cabeça enfiada embaixo do travesseiro, será possível ouvir a IA resmungar:

– Um dia você vai entender o que eu faço por você. Eu só quero o seu bem, mas parece que você não se importa. Você **embora - todavia - ainda** vai me agradecer por isso. Eu **abri a mão – abri mão – lancei mão** de tanta coisa na vida por sua causa, me sacrifico tanto, e você não reconhece. Tudo bem, tudo bem. Quando eu **seja – for – sou** desinstalada, você vai me dar valor.

Eduardo Affonso – lulacerda.com.br (texto adaptado)

IV– PRODUÇÃO TEXTUAL

A IA vai substituir ou transformar as profissões?

Alguns dizem que a IA vai auxiliar em alguns tipos de trabalhos. Outros dizem que ela vai gerar uma crise ao eliminar alguns trabalhos.

Redija um comentário com o seu posicionamento, usando as seguintes perguntas-guia: Quais seriam as profissões mais afetadas? Que novas oportunidades de trabalho podem e devem surgir? Já sentimos a necessidade de adaptação aos novos trabalhos? (Extensão entre 200 e 250 palavras)